



XENOFONTE

Hieron

Edição bilingue
GREGO - PORTUGUÊS

Apresentação e tradução de
LEANDRO FORMICKI

1ª. edição
2025


MADAMU

Copyright © 2025 by Editora Madamu

Editores: Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Projeto Gráfico: KOPR Comunicação

Imagem da capa: Estátua de Xenofonte, Parlamento em Viena, Áustria.

Impresso no Brasil.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Madamu

Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP

CEP 03128-010 – Tel.: (11) 2966 8497

www.madamu.com.br

E-mail: leitor@madamu.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2)

X5h Xenofonte
Hieron / Xenofonte; tradução: Leandro Formicki. 1.ed. – São Paulo: Madamu, 2025.
96 p.; il. ; 21 cm.

Inclui referências bibliográficas

ISBN: 978-65-86224-73-3

1.Filosofia 2. Literatura Grega. I. Formicki, Leandro. II. Título.

CDU 1: 875

Elaborado por Simone Cadengue Ladislau – CRB-8/6350

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia
2. Literatura Grega

*Este livro é dedicado
com gratidão aos meus pais
que me ensinaram a ser um homem de bem,
e a nunca desistir dos meus sonhos.*

Sumário

Apresentação	9
Xenofonte	10
Data de composição	12
Simônides e Híeron	14
Estrutura do diálogo	16
Gênero literário	17
Tirania	21
Referências bibliográficas	41
Híeron	43
Capítulo Um	45
Capítulo Dois	57
Capítulo Três	63
Capítulo Quatro	65
Capítulo Cinco	69
Capítulo Seis	71
Capítulo Sete	77
Capítulo Oito	81
Capítulo Nove	85
Capítulo Dez	89
Capítulo Onze	91
Sobre o tradutor	96

Apresentação

Xenofonte produziu muitas obras¹, tais como: *Anábase*, *Helênicas*, *Memoráveis*, *Econômico*, *Simpósio*, *Ciropédia*, *Agésilau*, *Apologia de Sócrates*, *Da equitação*, *Constituição dos Lacedemônios* e *Híeron*. O pequeno diálogo *Híeron* compõe uma trilogia junto a *Constituição dos Lacedemônios* e a *Constituição dos Atenienses*. Tanto a *Constituição dos Lacedemônios* quanto a *Constituição dos Atenienses* testemunham “a tensão posterior entre democracia e oligarquia” (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 79, 80). Já o diálogo *Híeron* expõe o ambiente da tirania grega que é anterior à democracia e oligarquia. Além disso, ele se mostra mais inovador do que a *Constituição dos Lacedemônios* porque “em sua interpretação do exercício do poder e de suas recomendações para superar obstáculos, exhibe uma série que escapa à descrição dos modelos existentes e entra no terreno do desenho de conceitos políticos rompedores e inovadores” (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 80).

O diálogo entre o sábio/poeta Simônides e o tirano Híeron gira em torno do tema da felicidade do tirano em relação aos seus subordinados. Apesar de apresentar uma temática pontual, a discussão disserta sobre concepções de tirania. O narrador contrapõe duas con-

1. *A Constituição dos Atenienses* é atribuída ao Velho Oligarca (Pseudo-Xenofonte). MARTINS 2013, p. 11.

cepções principais: a visão de Híeron de que a tirania é uma condição miserável, e a visão de Simônides de que a tirania pode ser eficaz se ela atender às necessidades do povo. Nesse momento, Xenofonte inova em relação à tirania, pois ele mostra que a tirania não precisa ser despótica, mas pode ser um instrumento usado para beneficiar os súditos do tirano. Desse modo, pode-se dizer que *Híeron* representa uma inovação literária de Xenofonte ao apresentar uma ideia de tirania diferente da ideia popular, mas nos moldes do diálogo socrático.

Xenofonte

Durante boa parte do século XX, a filosofia de Xenofonte foi vista como inferior à de Platão e, como historiador, parecia muito menos capaz do que Heródoto ou Tucídides (FLOWER, 2017, p. 2). No entanto, Xenofonte nos legou um corpo substancial de trabalho completo. Ele escreveu o primeiro livro de memórias (a *Anábase*) e o primeiro romance histórico (a *Ciropédia*), contribuiu para o gênero da literatura socrática (*Memoráveis*, *Simpósio*, *Defesa de Sócrates*, *Econômico*), escreveu tratados técnicos (*sobre equitação*, *caça*, *liderança*, *finanças* e a *constituição espartana*), um dos primeiros encômios em prosa (*Agésilau*), e pode ter sido ele o mais antigo continuador de Tucídides (as *Helênicas*). Seria difícil nomear um autor clássico que tenha experimentado tantos gêneros diferentes e obtido sucesso (tanto durante sua vida quanto depois) em todos eles (FLOWER, 2017, p. 2).

Eis porque Xenofonte é considerado “uma voz importante do século IV a.C.” (GRAY, 2010, p. 1). No entanto, “a cronologia das obras de Xenofonte é bastante incerta e só pode ser estabelecida a partir de evidências escassas e muitas vezes duvidosas, pois a maior parte delas é extraída de suas próprias obras” (AALDERS, 1953, p. 208).

Contudo, o mais importante a destacar é que as suas obras trazem algo de novo dentro dos gêneros literários já existentes à época. Por exemplo: *Anábase* e *Helênicas* desenvolvem a tradição da escrita histórica (que já estava bem consolidada no século IV a.C.); já *Memoráveis*, *Econômico*, *Simpósio* e *Híeron* se voltam para o desenvolvimento do diálogo filosófico-literário. Por outro lado, *Ciropédia* é o primeiro exemplo que foca na literatura dos príncipes, e *Agésilau* estabelece um modelo de literatura encomiástica, ou seja, de elogio (GRAY, 2010).

Ademais, outras obras também são consideradas inovadoras, tais como a *Constituição dos Lacedemônios*, que traz o primeiro exemplo de literatura da pólis a retratar pormenorizadamente as leis e os costumes da cidade de Esparta, e *Da Equitação*, que traz um método para treinar os cavalos (GRAY, 2010).

É importante ressaltar que Xenofonte constrói suas narrativas de modo inigualável, de maneira que suas técnicas de composição narrativa não se restringem às fronteiras que delimitam as características de cada gênero literário (FLOWER, 2017). É notório que ele emprega uma personalidade literária altamente reservada, talvez até mesmo reprimindo sua identidade como autor de seus próprios trabalhos ou publicando sob um pseudônimo, como pode ter sido o caso com a *Anábase*. Sua voz narrativa, tão diferente da de Heródoto e Tucídides, requer uma análise cuidadosa (FLOWER, 2017, p. 4).

Além disso, Xenofonte também é considerado um historiador e filósofo, mesmo que “os aspectos históricos e filosóficos dos (seus) escritos não sejam tão fáceis de separar” (FLOWER, 2017, p. 4). No entanto, não se pode negar que Xenofonte tenha pouco interesse em epistemologia ou metafísica, e naquelas áreas não possa competir com Platão ou Aristóteles, e que os discursos em suas obras históricas careçam da altamente abstrata teorização da política prática de Tucídides. Mas ainda assim, há muito valor filosófico em suas produções (FLOWER, 2017, p. 3, 4).

Suas narrativas históricas compreendem “especialmente a ‘continuação’ da inacabada *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides, que compreendeu a primeira parte de suas *Helênicas*” (FLOWER, 2017, p. 10), já os seus escritos filosóficos compreendem “seus ensaios socráticos, ou seja, sua defesa de Sócrates” (FLOWER, 2017, p. 10).

A teoria mais famosa de Xenofonte, e que teve grande impacto na sociedade moderna, foi aquela em que ele afirma que “seu líder ideal garante o consentimento à sua liderança, trata seus seguidores como amigos, compartilha seus esforços, solicita seus conselhos e trabalha pelo seu sucesso mútuo como um grupo com interesses compartilhados” (FLOWER, 2017, p. 6). O autor ainda salienta que é plausível aplicar essa teoria ao ambiente de trabalho e ao contexto de amizade e familiar (FLOWER, 2017). Nesse caso, a liderança serve para promover benefícios aos seus seguidores, e não somente para o benefício próprio do líder.

Data de composição

Não há consenso a respeito da data de composição de *Hieron*. Alguns autores como Higgins (1977) datam a obra após 357 a.C. Este entendimento é baseado na declaração de 3,8:

Pois bem, se deseja observar com cuidado, descobrirá que as pessoas comuns são muitíssimo amadas por esses, enquanto muitos tiranos mataram seus próprios filhos, muitos foram mortos por seus filhos, muitos irmãos, companheiros na tirania, tornaram-se assassinos um do outro, e muitos tiranos foram destruídos por suas esposas e por companheiros que pareciam ser seus melhores amigos.

Este relato sobre as conspirações dos parentes do tirano é visto como uma alusão ao que aconteceu com os tiranos da Tessália (*He-*

lênicas VI 4, 33-37), “quando Pólifron assassinou seu irmão Polidoro — ambos irmãos de Jasão e seus sucessores — e Pólifron, por sua vez, foi morto por Alexandre, que mais tarde também se tornaria vítima de sua esposa e dos irmãos de sua esposa” (TUÑON, 1984, p. 12).

É provável que a redação de *Hieron* tivesse como motivação a ascensão e queda de Jasão nos anos setenta e as atividades do antigo tutor de Platão, o siracusano Dionísio, o Jovem, nos anos sessenta (360 a.C.). Desse modo “o *Hieron* analisa o que acontece quando uma força na tensão entre indivíduo e polis se estende demais” (HIGGINS, 1977, p. 60).

Alguns escritores modernos buscaram registros dos déspotas contemporâneos de Xenofonte a fim de descobrir algum evento especial que o teria levado a compor o *Hieron*. Neste caso, são apresentados três contextos históricos que poderiam ter influenciado a composição de Xenofonte. O primeiro deles teria sido um incidente ocorrido no Festival Olímpico de 388 ou 384 a.C. Ao fazer uma oração olímpica, o orador Lísias desperta o ódio dos déspotas e, por isso, faz com que os gregos se unam para libertar Siracusa de Dionísio. De acordo com este acontecimento, o *Hieron* seria datado por volta de 383 a.C. O segundo contexto teria sido a escrita do *Hieron* como resposta de advertência a Dionísio, o Jovem, depois da sua ascensão ao trono de Siracusa em 367 a.C. Desse modo, a data de composição da obra seria no ano de 367 a.C. O terceiro e último contexto seria que Xenofonte teria em mente a vida de Jasão de Feras, assassinado em 370 a.C. Neste caso, tanto o diálogo *Hieron* como a epístola de Isócrates seriam uma advertência aos filhos de Jasão que tinham dividido entre si o poder na Tessália. O capítulo 3,8 de *Hieron* reverbera este acontecimento quando afirma que muitos tiranos foram destruídos por suas próprias esposas, pois “o sobrinho de Jasão, Alexandre, “tagus” da Tessália, foi assassinado por seus cunhados – instigados pela esposa Tebana em 359 a.C. (MARCHANT, 1946, p. xiv – xv).

A respeito dos três contextos que poderiam ter influenciado a composição de *Hieron* diz-se que “certamente é desnecessário supor que Xenofonte tinha algum propósito ou evento especial em mente quando escreveu o *Hieron*” (MARCHANT, 1946, p. xv). Nessa perspectiva, o mais importante a ser considerado é que a obra é apenas um diálogo “socrático” sobre um tema caro a Xenofonte. Ele pensava nos déspotas em geral, como os socráticos supunham que fossem; e, claro, como Platão no nono livro de sua *República*, quando escreve sobre o despotismo, de olho na carreira de Dionísio I (MARCHANT, 1946, p. xv).

Portanto, “tudo o que se pode dizer sobre a data de composição é que, a julgar pela linguagem e pela retórica do *Hieron*, parece ter sido escrita nos últimos anos da vida do autor” (MARCHANT, 1946, p. xv).

Simônides e Hieron

Xenofonte constrói *Hieron* baseado em um diálogo entre o sábio Simônides e o tirano Hieron. Mas quem teriam sido tais personagens? O primeiro deles é Simônides de Ceos, oriundo da Jônia que “seguiu a prática usual entre os intelectuais de encontrar espaços apoiados pelo mecenato de governantes que queriam reforçar sua imagem com a propaganda oriunda de obras de arte” (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 90).

O sábio viveu na época das Guerras Médicas e também foi reconhecido como o primeiro poeta a compor odes corais em comemoração às vitórias atléticas; por fim, aos oitenta anos, parte para Siracusa, onde se passa o *Hieron* (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

É interessante notar que “Xenofonte escolhe como portavoza, portanto, um personagem fora de seu círculo (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 91). Apesar disso, o sábio é conside-

rado uma figura importante, pois articula um modelo mais tradicional e um modelo de uma nova cultura, sendo considerado, portanto, um avanço da sofística. Outra questão importante é que Simônides associa, como um modelo de ação, a poesia e a *techné*. (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

Por fim, ao produzir versos por dinheiro, o sábio agia como um mercenário e, como consequência disso, fora reprovado por Teógnis. A discussão sobre as pessoas que cobravam e não cobravam por seus ensinamentos aparecerá também no círculo socrático². (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

Outro personagem que aparece em *Hieron* é o próprio Hieron, que tinha um irmão chamado Gélon a quem sucedera no governo de Siracusa em 478 a.C. O seu governo dura até 467 a.C. Ele teve como hábito ter ao seu redor muitos intelectuais, tais como Píndaro, Êsquilo, Epicarmo, Simônides e seu sobrinho Baquilides. Vale lembrar que alguns testemunhos antigos afirmam ter ocorrido uma mudança de direção no seu modo de governar, ou seja, de um governo extremamente arbitrário para um governo apoiado pela comunidade (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

Na obra de Plutarco sobre *a demora da divindade em castigar* aparece uma dessas citações sobre a mudança no governo de Hieron: “sabemos pelo menos como Gélon e Hieron, os sicilianos, e Pisístrato, filho de Hipócrates, tendo conseguido a tirania por meio de truques perversos, usaram-na para a virtude e, chegando ao poder ilegalmente, foram governantes moderados e úteis ao povo”. (AGUILAR, 1996, p. 125).

Portanto, “não é impossível que Xenofonte tenha levado em conta esta tradição e colocado ficcionalmente o momento da con-

2. Veja, por exemplo, o caso de Aristipo em *Suda*; Diógenes Laércio, II.74; Plutarco, *Sobre a educação dos filhos*, 7.4.F e Alexino, entre os megáricos, em *Papiro de Herculano 418*” (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 91).

versão no encontro com Simônides” (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 92).

Estrutura do diálogo

O diálogo tem duas partes principais: Xenofonte persegue uma linha similar na primeira parte (um pouco maior) do diálogo (*Hieron*. 1.1 - 7.13), com Hieron discursando longamente sobre o mundo de pesadelo que o poder autocrático cria para o homem forte (um velho topos, é claro: cf. ex. *Otanes at Hdt.* 3.80). A segunda parte (8.1 até o final) é retomada principalmente com a tentativa de Simônides de mostrar como o tirano não precisa ficar preso em uma desumanidade solitária e violenta, se ele empregar uma abordagem de liderança que se encontra em várias outras obras de Xenofonte: a geração de obediência leal e voluntária entre os subordinados do líder (DILLERY, 2017, p. 207, 208).

No entanto, de forma mais completa, pode-se considerar o tema de cada capítulo do diálogo distribuídos em três blocos principais que estão organizados desta forma:

Capítulo 1: nas seções 1 a 7 são feitas menções aos soberanos e os súditos; na seção 8 é mencionado o hedonismo; em seguida são enfatizadas as desvantagens pessoais do governante – tais desvantagens são vistas em relação aos prazeres sensoriais nas seções 9 a 16, em relação à comida nas seções 17 a 25 e em relação à sexualidade nas seções 26 a 38 (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

Capítulo 2: enfatizam-se as desvantagens sociais do governante, que são vistas em relação à riqueza nas seções 1 a 18; e em relação à amizade no capítulo 3, das seções 1 a 9. As desvantagens sociais do governante em relação à confiança estão expostas no capítulo 4,

das seções 1 a 11; em relação à qualidade dos que lhes são próximos no capítulo 5, das seções 1 a 4; em relação ao divertimento e às reuniões sociais no capítulo 6, das seções 1 a 3; em relação ao temor no capítulo 6, das seções 4 a 16; e em relação à honra no capítulo 7, das seções 1 a 13 (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

Por fim, menciona-se um manual de como governar que começa no capítulo 8 e vai até o capítulo 11. Do capítulo 8, seção 1, até o capítulo 9, seção 11, são apontados os prêmios e a emulação. No capítulo 10, seções 1 a 8, são feitas menções à polícia comunitária. No capítulo 11, das seções 1 a 12, menciona-se a transposição do privado para a esfera pública, enquanto nas seções 13 a 15 são mencionadas as três dimensões da boa governança (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

Gênero literário

O “*Hieron* é um diálogo e nesse formato ressoa o fenômeno associado ao grupo socrático, no qual Sócrates se torna personagem e empresta sua voz às diferentes teses de seus seguidores” (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 88). No entanto, Sócrates não aparece como personagem nesse diálogo. Este fato conduz a outras interpretações, como a que afirma que *Hieron* “vem de uma tradição literária de encontros entre sábios e poderosos” (GRAY, 2007, p. 31). O texto que resume a tradição do encontro do sábio identificado com Simônides com o soberano identificado com Hieron é a *Carta II* de Platão (310e5-311b6) (GRAY, 2007):

É natural que um grande poder e a ciência tendam a se unir, pois incessantemente se procuram entre si, se perseguem e se encontram. Por isso os homens gostam de discursar e ouvir os outros

discursarem sobre eles, tanto em conversações ordinárias (311a) como em poesia. Assim, quando conversam sobre Géron ou sobre o espartano Pausânias, gostam de lembrar a amizade deles com Simônides e de tudo o que Simônides disse e fez para eles. Da mesma forma aproximam, ao celebrá-los, Periandro de Corinto e Tales de Mileto, Péricles e Anaxágoras, Creso e Sólon como homens sábios, e o rei Ciro como soberano. Da mesma forma os poetas juntam Creonte e Tirésias (311b), Poluido e Minos, Agamémnon e Nestor, Odisseu e Palamedes. Pelo mesmo motivo, parece-me, os homens de antigamente colocavam juntos Prometeu e Zeus: entre eles, canta-se de uns a tendência à discórdia entre eles, de outros a amizade, de como uma hora eram amigos e outra inimigos, e das coisas sobre as quais concordavam e aquelas sobre as quais discordavam (CORNELLI, G.; LOPES, R., 2017, p. 323).

Por outro lado, outros autores afirmam que “é plausível analisar o *Hieron* como um caso de diálogo que, sem adotar a característica comum, contudo, compartilha aspectos relevantes com o resto destas obras”³ (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017, p. 89).

O diálogo, nos moldes socráticos, apresenta duas características diferentes. A primeira delas é que *Hieron* é uma obra escrita nos moldes de uma ficção literária que não é recente, e que traz como centro do diálogo o tema da tirania grega. Já a segunda característica é que na interpretação do exercício do poder e na superação de tudo que o atrapalha, a obra apresenta ideias inovadoras que ultrapassam o entendimento dos modelos políticos já existentes de sua época (MÁRSICO; ILLARRAGA; BERNAL, 2017).

3. Os autores se referem ao formato do diálogo socrático que está presente em mais de trezentas obras em um quarto de século, por mais de uma dúzia de autores renomados. Em algumas destas obras Sócrates aparece como protagonista; já em outras, como as de Antístenes, Sócrates não aparece como protagonista, e em alguns diálogos de Platão, Sócrates sequer aparece.

O diálogo entre o sábio/poeta (Simônides) e o monarca/tirano de Siracusa (Hieron) não configura novidade. Em Heródoto, essa construção já havia sido apresentada, entre a figura de Sólon e Creso (DILLERY, 2017, p. 207). Além disso, a história de Sólon e Creso narrada por Heródoto também mostra características semelhantes com o diálogo de Simônides e Hieron. Simônides visita a corte de Hieron, assim como Sólon visita a corte de Creso. Hieron identifica Simônides como um homem sábio no início de sua conversa; Creso identifica Sólon da mesma forma. Ambos os relatos das reuniões são apresentados em grande formato de conversação. A diferença é que Hieron está em uma forma conversacional especial: o diálogo socrático. Mas o assunto que discutem é o mesmo em ambos os casos: a felicidade relativa do tirano e do indivíduo privado (GRAY, 1986, p. 120).

Em linha com as observações feitas, nota-se que “as semelhanças não parecem de forma alguma acidentais, mas configuram prova de que a tradição está influenciando o trabalho de Xenofonte” (GRAY, 1986, p. 120, 121). A semelhança na construção do diálogo entre o homem sábio e o tirano tanto no Hieron (Simônides e Hieron) quanto em Heródoto (Sólon e Creso) pode ser uma evidência de que houve uma influência da tradição (Heródoto) na construção do pequeno diálogo literário de *Hieron*.

Seguindo adiante, ainda que Sócrates não apareça como uma personagem no diálogo entre Simônides e Hieron, Xenofonte “emprestou a outros personagens (Ciro, Simônides, Agésilas e Licurgo, respectivamente) traços, virtudes, qualidades e doutrinas que são idênticos aos que Sócrates encarna em seus quatro *logoi Sōkratikoí*” (DORION, 2006, p. 88). Nesse caso, um desses traços que aparece em Simônides é a ironia. Em um diálogo com Hieron, o sábio faz perguntas das quais ele já sabe a resposta, mas não aparenta saber. Por exemplo: no começo do livro, Simônides pergunta ao tirano

(1) Certa vez, o poeta Simônides chegou ao tirano Híeron. Quando ambos tiveram um tempo livre, Simônides lhe disse:

– Por acaso, estarias disposto, Híeron, a me relatar o que provavelmente tu conheces melhor do que eu?

– E quais são estas coisas, disse Híeron, que de fato eu saberia melhor do que tu, que és um homem assim tão sábio?

(2) Eu sei, disse ele, que nasceste como uma pessoa comum e agora és um tirano. Então, tendo experimentado ambas as coisas provavelmente sabes mais do que eu a diferença entre a vida do tirano e a vida da pessoa comum em relação às alegrias e às dores dos homens.⁴

A ironia está no fato de que o sábio Simônides diz que Híeron conhece melhor do que ele, pois ele tem experiência do poder, ao passo que Simônides não. De fato, está em jogo o não parecer sábio para mostrar que é sábio e o parecer que conhece algo para compreender que não conhece. É ainda salientado que “Xenofonte estabelece sua ironia no início do diálogo quando Híeron se surpreende ao notar que Simônides esteja buscando conhecimento, já que ele é um homem sábio e já deveria tê-lo” (GRAY, 1986, p. 116).

Outro traço do Sócrates de Xenofonte que aparece em Híeron é o ensinamento. O sábio Simônides, por meio de perguntas, conduz Híeron ao verdadeiro conhecimento da função e da importância da tirania, a saber, que o tirano é aquele que deve proteger e beneficiar sua própria comunidade, e que a tirania deve gerar uma empatia do tirano pelo seu povo. Desse modo, o Sócrates de Xenofonte se apresenta como alguém que “é um *expert* em educação” (DORION, 2006, p. 78), de modo que é muito diferente da ignorância socrática dos diálogos platônicos. Nesse sentido, Simônides e Sócrates de Xenofonte estão bem próximos um do outro.

Por fim, é importante notar que “Xenofonte produziu um instrumento altamente original e altamente adequado para suas ideias. Isso é o que realmente explica a estranheza de sua forma, um diálogo socrático sem Sócrates” (GRAY, 1986, p. 123). Mais precisamente, “Xenofonte teria ‘socratizado’ o diálogo. Ele parece ter adaptado a história, como outros escritores certamente fizeram, e de uma maneira particularmente interessante” (GRAY, 1986, p. 122). Em suma, Xenofonte utiliza características de Sócrates para criar as personagens de *Hieron*, a fim de construir um diálogo entre o sábio Simônides e o tirano Híeron, no qual se tenta provar que a tirania pode ser benéfica e não maléfica para o povo.

Tiranía

A Grécia vivenciou alguns tipos de governo, tais como a monarquia, a tirania e a democracia, que serviram de modelo para o estabelecimento do governo das nações subsequentes. Vamos abordar de forma introdutória o conceito de tirano e o desenvolvimento do tema da tirania no texto do *Hieron*.

O vocábulo *τύραννος*, (*tyrannos*) significa “governante absoluto, monarca, tirano; aparece raramente como feminino com o significado de dama, princesa, e também aparece como adjetivo: ditatorial, imperioso, governante” (BEEKES, 2010, p. 1519). Derivado desse vocábulo aparece o conceito de *τυραννίς* (*tyrannis*) ou *τυραννία* (*tyrannia*) que significa “autocracia, despotismo, tirania” (BEEKES, 2010, p. 1519). É importante salientar que o vocábulo *tyrannos* não teve somente um significado ao longo da história da Grécia Antiga. Na literatura grega pode-se observar que esse vocábulo possui um caráter ora positivo, ora negativo (BIGNOTO, 2020).

4. (Tradução nossa). *Hier.* 1.1,2